

O USO DA CANABIDIOL PARA O TRATAMENTO DA EPILEPSIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Edson Silva do Nascimento¹, edsilva.d.n.2019@gmail.com
Gabriel da Silva Yamaguchi¹, gabrielasilvayamaguchi@gmail.com
Gabriel Vasques Rodrigues¹, gabriel.rodrick98@gmail.com
Vinicius Santos de Melo¹, viniciussmello06@gmail.com
Lucas Martins de Almeida², professorlucas@hotmail.com

Resumo:

Introdução: O objetivo deste estudo consiste em reunir dados bibliográficos que descrevam o perfil terapêutico do canabidiol (CBD), o principal componente não psicoativo da planta *Cannabis sativa* (maconha), no tratamento dos transtornos psíquicos, em especial na epilepsia. **Objetivo:** descrever o perfil terapêutico do canabidiol no tratamento da epilepsia. **Método:** Este estudo é classificado como um a pesquisa Exploratória, pois tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o uso da *Cannabis sativa* no tratamento da epilepsia, com vista torná-lo mais explícito. **Resultado:** Atualmente sabe-se que a *Cannabis Sativa* apresenta substâncias com promissoras propriedades farmacológicas. Dentre estas destaca-se o canabidiol (CBD), que vem mostrando potencial efeito no tratamento de diversas doenças, como: autismo, epilepsia, ansiedade e outras. A ação dos canabinóides no organismo se torna possível graças à existência de receptores naturais para essas substâncias, que são moléculas situadas nas membranas celulares, às quais se ligam os canabinóides. **Conclusão:** Por fim concluímos que estudos comprovam a eficiência do canabidiol para fins terapêuticos como o da epilepsia, seja discriminado por ser um derivado da maconha, torna-se muito importante nos tratamento de doenças. Tratar deste assunto traz uma melhor compreensão e interpretação acerca da *Cannabis sativa*, por muitas vezes estar ligada à criminalidade.

Palavras-chave: Canabidiol. Epilepsia. Tratamento. *Cannabis sativa*.

1 INTRODUÇÃO

A maconha é conhecida como uma substância entorpecente, possui o nome científico *Cannabis sativa*. De acordo com Da Silva (2017), ela provoca em seus usuários, que usam de forma irregular, efeitos alucinatórios que acabam, com o decorrer do uso, tornando-se dependentes químicos dessa substância, o que desenvolve sérias complicações devido ao poder psicoativo que essa detém sobre o indivíduo que a inala.

Cannabis consiste em um arbusto originário da Ásia. Segundo Raymundo & Souza (2007) ela pertencente à família das Cannabaceaes, cujas espécies mais conhecidas são *Cannabis sativa*. *Cannabis* indica que se distinguem principalmente pelo modo de crescimento, características morfológicas e quantidade de princípios ativos. Entretanto, a espécie predominante no Brasil é a *Cannabis sativa* (Figura 1), pois Costa (1975) afirma que a mesma possui melhor desenvolvimento em climas temperados e tropicais.

No entanto segundo Gontijo (2016), a maconha apresenta substâncias com promissoras propriedades farmacológicas, dentre estas destaca-se o canabidiol - CBD, que vem mostrando potencial efeito no tratamento de diversas doenças, como: autismo, epilepsia, ansiedade e outras. As indicações do uso desta planta datam de 2.700 a.C. para tratamento de diversas condições médicas como constipação intestinal, dores, malária, expectoração, epilepsia, tuberculose, entre outras.

¹ Instituto Federal do Amazonas/IFAM Campus Coari– Amazonas/Brasil

² Universidade Federal do Amazonas - Instituto de Saúde e Biotecnologia (UFAM/ISB)

Já no início do século XX, segundo Matos (2017), extratos de Cannabis eram comercializados na Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos para o tratamento de distúrbios mentais, especialmente como hipnóticos e sedativos. Após a terceira década do século XX, segundo relatos de Crippa (2010), houve uma redução no uso da Cannabis sativa para fins médicos, causado principalmente pelo limitado conhecimento de seus princípios ativos, ainda não isolados na época. Adicionalmente, novas substâncias foram descobertas e utilizadas como hipnóticos e sedativos (hidrato de cloral, barbitúricos e paraldeído). “As restrições legais impostas ao uso da planta associadas aos fatos abordados anteriormente limitam ainda mais a aplicação medicinal da Cannabis”. (MATOS, 2017, p.788)

1.1 OBJETIVO GERAL

Realizar uma pesquisa bibliográfica sobre o perfil terapêutico da *Cannabis sativa* no tratamento da epilepsia

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar a legislação vigente sobre drogas no Brasil;
- Identificar os principais tratamentos em que se utiliza a *Cannabis sativa*;
- Descrever as principais substâncias ativas da maconha, THC e CBD.

2 MATERIAL E MÉTODO

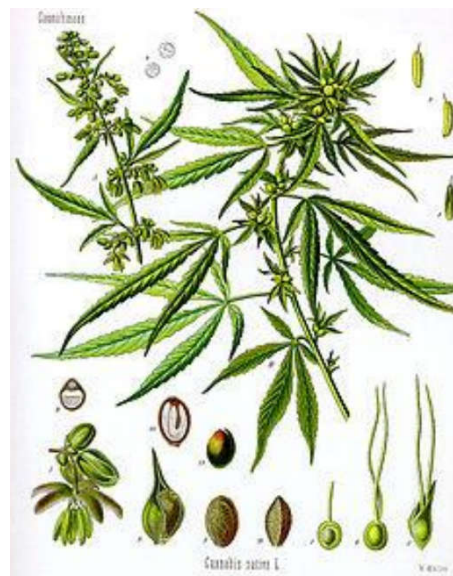
Este estudo é classificado por Gil (2007) como uma pesquisa Exploratória, pois tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o uso da *Cannabis sativa* no tratamento da epilepsia, com vista torná-lo mais explícito. Quanto aos procedimentos, esta pesquisa é classificada como Pesquisa Bibliográfica que, segundo Fonseca (2002), ela é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, página de web sites.

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A *Canabis sativa*, popularmente conhecida como Maconha, é originária dos países asiáticos, e segundo Queiroz (2008) foi facilmente introduzida no Brasil pela sua resistência à climas tropicais e temperados. A planta, segundo Carlini (2006), teria sido introduzida em nosso país a partir de 1549, pelos negros escravos, como alude

Figura 01 – Morfologia da *Cannabis sativa*



Fonte:

<https://autismoconsejospracticos.com/cannabis-medicinal-autismo-2/>

Pedro Corrêa, e as sementes de cânhamo eram trazidas em bonecas de pano, amarradas nas pontas das tangas.

A legislação vigente diz que o uso recreativo de drogas é proibido pelos seus vários efeitos psicoativos. Embora tenha-se estudos que demonstrem que certas drogas, em especial a *Cannabis Sativa*, podem ser usados para fins medicinais, “hoje em dia, o canabidiol passou a ser permitido pela Anvisa, sendo necessária a receita médica, excluído da lista F2, das substâncias proibidas no Brasil, e colocado na lista C1, de controle genérico” (BEZERRA, 2019, p14). Presse (2015) ressalta que não excluiu a aprovação excepcional em razão dos remédios importados não conterem somente CBD, como também THC, que possui resultado psicoativo e, por esse motivo, não houve a liberação total.

Atualmente sabe-se que a *Cannabis Sativa* apresenta substâncias com promissoras propriedades farmacológicas. Dentre estas, destaca-se o canabidiol–CBD (Figura 02) que vem mostrando potencial efeito no tratamento de diversas doenças, como: autismo, epilepsia, ansiedade e outras.

Figura 02 – Estrutura molecular do CBD



Fonte: <https://www.cosmeticsdesign-europe.com/Article/2019/07/09/CBD-and-cosmetics-in-Austria-What-is-the-legislative-environment> 5. Acesso em 20/10/2019

Substâncias como o canabidiol (CBD) podem trazer um melhor estilo de vida para pessoas com históricos de enfermidades neurológicas como, por exemplo:

[...] pacientes epiléticos são refratários ao tratamento com medicamentos anticonvulsivantes, até mesmo quando o médico escolhe a terapêutica correta utilizando doses adequadas e toleradas pelo paciente. Quando as crises epiléticas não são controladas pioram a qualidade de vida do paciente, e são associadas à comorbidades médicas, psicossociais e cognitivas (BRAGATTI, 2015, p 16).

A ação dos canabinóides no organismo se torna possível graças à existência de receptores naturais para essas substâncias, que são moléculas situadas nas membranas celulares, às quais se ligam os canabinóides.

Segundo Vanjura (2014), o canabinóide psicoativo delta-9-THC é o principal componente ativo da planta, responsável pelas propriedades alucinógenas da *Cannabis sativa*. A observação de que o CBD, segundo Pedrazzi (2018), poderia antagonizar alguns dos principais efeitos farmacológicos do delta-9-THC, há evidência crescente de que o canabidiol age em sistemas de sinalização cerebral, e que isso pode ser importante para seus efeitos terapêuticos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos comprovam a eficiência do canabidiol para fins terapêuticos como o da epilepsia, ainda que seja discriminado por ser um derivado da maconha, ele se torna muito importante no tratamento de doenças.

Neste entendimento, concluímos que as pesquisas bibliográficas realizadas sobre o uso do canabidiol nos revela que este ativo possui amplo potencial terapêutico em nível do sistema nervoso central, demonstrando grande importância no tratamento de diversos distúrbios neurológicos, bem como o reconhecido efeito anticonvulsivo do canabidiol que se revela capaz de reduzir significativamente as crises convulsivas de pacientes epiléticos fármaco-resistentes, bem como evitar os irreversíveis danos cerebrais e impedir os efeitos retrógrados no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Logo, pesquisas sobre o assunto são relevantes para pessoas que sofrem epilepsia e precisam de tratamento que só o canabidiol pode proporcionar de forma eficiente.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, G. A. V. *et al.* **A legalização da cannabis para fins medicinais.** 2019.
- CARLINI, E. A. A história da maconha no Brasil. **J bras psiquiatr**, v. 55, n. 4, p. 314-317, 2006.
- COSTA, A. F.; **Farmacognosia**, 3a. ed., Fundação Caloust Gulbenkian: Lisboa, 1975.
- CRIPPA, J. A. S. *et al.* Uso terapêutico dos canabinoides em psiquiatria. **Revista brasileira de psiquiatria**, v. 32, n. supl 1, 2010.
- DA SILVA, S. P. *et al.* Descriminalização ou Legalização do Uso da Maconha? E os Projetos de Lei sobre a Maconha Descriminalizar ou Legalizar?. **Caderno de Graduação-Humanas e Sociais-FACIPE**, v. 3, n. 1, p. 21-34, 2017.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GONTIJO, É. C. *et al.* Canabidiol e suas aplicações terapêuticas. **Revista Eletrônica da Faculdade de Ceres**, v. 5, n. 1, 2016.
- MATOS, R. L. A. *et al.* O uso do canabidiol no tratamento da epilepsia. **Revista Virtual de Química**, v. 9, n. 2, p. 786-814, 2017.
- PEDRAZZI, J. F. C. *et al.* Perfil antipsicótico do canabidiol. **Medicina (Ribeirão Preto. Online)**, v. 47, n. 2, p. 112-119, 2014.
- PRESSE, F. **Legalização não aumentou consumo de maconha no Uruguai**, diz estudo. Brasília, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2QniXfE>. Acesso em: 25 ago. 2019.



QUEIROZ, V. E. *et al.* **A questão das drogas ilícitas no Brasil.** 2008.

RAYMUNDO, P. G.; SOUZA, P. R. K. Cannabis sativa L.: Os prós e contras do uso terapêutico de uma droga de abuso. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde** 2007.

SPINELLA, M; The **Psychopharmacology of Herbal Medicine:** Plant Drugs That Alter Mind, Brain and Behavior, 1a. ed., The MIT Press: Cambridge, 2001.

VANJURA, M. de O. *et al.* **Drogas de Abuso:** Maconha e Suas Consequências. 2018.

ZUARDI, A. W. História da cannabis como medicamento: uma revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 28 (2), 153-157, 2006.